

O PAPEL DOS ENFERMEIROS (AS) DIANTE DAS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

THE ROLE OF NURSES IN PRACTICE OF OBSTETRIC VIOLENCE

Aryella Araujo Dos Anjos¹; Rayane Silva Gomes²; Ana Margarete Cordeiro da Silva Maia³

RESUMO

Introdução: A expressão violência obstétrica, é utilizada para definir e/ou descrever alguns tipos de danos ao final do período gestacional, ou seja, no momento parturitivo, sendo causado por profissionais. **Objetivo:** compreender o papel dos profissionais enfermeiros (as) diante das práticas de violência obstétrica. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo descritiva com abordagem qualitativa, realizado através de artigos científicos, pesquisados nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), por meio dos descritores: violência obstétrica, enfermeiro obstetra. **Resultado:** obteve-se as seguintes categorias: O processo parturitivo e o papel da enfermagem; Condutas adotadas pelo enfermeiro (a) diante dos impactos psicossociais da violência obstétrica; e O papel do profissional enfermeiro (a) frente as práticas de violência obstétrica. **Conclusão:** os artigos reconhecem a necessidade que o parto e todo o seu curso ainda é visto por muitos profissionais como um processo mecânico e não natural da mulher. Quando é realizada uma escuta inicial com qualidade faz a diferença desde o início da gestação ate o seu ápice que e é o parto e o puerpério.

Palavras-chave: Violência obstétrica; enfermeiro (a) obstetra; processo parturitivo.

ABSTRACT

Introduction: The expression obstetric violence is use to definition and describes anything of damage at the end of the gestational period, that is, in parturitive moment being caused by professionals. **Objective:** Comprehend the role of professional nurses in the face of obstetric violence practices. **Methodology:** This is a descriptive bibliographic search with a qualitative approach, carried out through scientific articles, searched in the databases of the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences, Nursing Database, Scientific Electronic Library Online (SCIELO), through the descriptors: obstetric violence, obstetric nurse. **Results:** the following categories were obtained: The parturitive process and the role of nursing; Conducts adopted by nurses in the face of the psychosocial impacts of obstetric violence and the role of the nurse face the obstetric violence practices. **Conclusion:** The articles recognize the need for childbirth and all its course is still seen by many professionals as a mechanical process and not natural for women. When an initial listening with quality is made it makes the difference from the beginning of the pregnancy until its apex that and is childbirth and the puerperium.

Keywords: *Obstetric violence; obstetric nurse; parturitive process.*

¹ Enfermeira coordenadora de saúde do trabalhador Secretaria Municipal de Antônio Cardoso, Bahia.

² Enfermeira assistente CAPS 1 Santo Estevão, Bahia.

³ Docente do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Nobre, Feira de Santana – Bahia.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a violência obstétrica é algo que atinge diversas mulheres onde há um alto índice de relatos anualmente por elas terem sofrido algum tipo de dano no pré, intra ou pós-parto. Podendo ser aplicações desnecessárias de ocitocina endovenosa, frases constrangedoras ou abusivas, como gritar com a parturiente, fazer chacotas, piadas, não permitir acompanhante, rotina de episiotomia e episiorafia, negar alívio da dor, dentre outros¹.

A expressão violência obstétrica, é utilizada para definir e/ou descrever alguns tipos de danos ao final do período gestacional, ou seja, no momento parturitivo, sendo causado por profissionais. Esses maus tratos podem ser físicos, verbais, psicológicos, simbólicos ou sexuais, negligência, discriminação ou até condutas que, muitas vezes são sem embasamento, fazendo assim ser prejudicial à saúde da parturiente².

O processo natural do parto é algo que com o passar dos anos, alguns profissionais tentam mudar, com a justificativa de melhorar, acabam acarretando diversos malefícios às clientes. O avanço obstétrico contribuiu para a melhoria dos indicadores de morbimortalidades maternas e perinatais em todo o mundo, porém contribuiu para uma visão que a gravidez, o parto e o nascimento como doenças, expondo assim as mulheres e recém-nascidos a altas taxas de intervenções desnecessárias. Tais intervenções que apenas deveriam ser utilizadas em situações de necessidade são muito comuns, como: a episiotomia, o uso de ocitocina, a cesariana, aspiração nasofaríngea, entre outras³.

Ao decorrer dos anos, os avanços da obstetrícia auxiliaram muito na questão parturitiva, por outro lado dificultou no quesito que foi considerado a gravidez, parto e nascimento como algo qualquer, ou até que isso não seria considerado bem a saúde. Diante disso, as mulheres e crianças têm uma alta exposição a procedimentos, que por muitas vezes podem ser danosos a saúde. Esse excesso de intervenções deixou de considerar os aspectos emocionais, humanos e culturais envolvidos no processo, esquecendo que a assistência ao nascimento se reveste de um caráter particular que vai além do processo de adoecer e morrer³.

Por se tratar de uma violência que abrange várias estruturas físicas e emocionais, muitas vítimas desse tipo de abuso não sabem que sofreram ou por acabarem ficando com sequelas irreversíveis de até mesmo não sobreviver, preferem omitir os fatos. A grande maioria das puérperas que sofrem violência obstétrica acredita que a assistência recebida está adequada. Porém muitas vezes, elas são submetidas a normas institucionais e práticas intervencionistas, sem informações acerca dos procedimentos realizados e muito menos obtidos seu consentimento⁴.

A expressão violência vem ofendendo aos médicos, onde eles dizem não haver fenômeno, e sim casos isolados. Na verdade é muito mais comum do que a novidade da palavra, sendo uma das violências mais ignoradas no regime moral e de controle do corpo feminino, negligentemente ignorada com o conceito de que ritual de parir necessariamente há muita dor mascarando o abuso do poder médico e alienação das mulheres do processo decisório⁵.

Justifica-se a escolha dessa temática, após as aulas da disciplina enfermagem no cuidado à saúde de mulheres, na Faculdade Nobre de Feira de Santana, foi possível o conhecimento relacionado com o tema violência obstétrica para poder correlacionar com a vivência pessoal, então se decidiu por elaborar a presente pesquisa, na tentativa de sensibilização dos futuros profissionais e atuantes na área de saúde. Essa pesquisa será importante para a academia, pois ajudará os profissionais a entender a maneira como lidar com tal temática, o modo como a vítima, ou seja, a mulher que vem a sofrer com isso consegue suportar esse tipo de violência.

Esse trabalho teve como objetivo compreender o papel dos profissionais enfermeiros (as) diante das práticas de violência obstétrica.

METODOLOGIA

Esse estudo é uma pesquisa bibliográfica do tipo exploratório de caráter qualitativo, que possui a questão norteadora: Qual o papel dos profissionais enfermeiros (as) diante das práticas de violência obstétrica.?

Para Gil⁶ pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a

torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

De acordo com Minayo⁷ a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para a realização desse estudo utilizamos base de dados eletrônicos como: Scientific Eletronic Library Online (Scielo), Literatura Latino- americana e do Caribe em ciências da saúde (LILACS), Ministério da saúde (MS), revista Enfermagem em Foco. Utilizamos as palavras chaves ou descritores: Violência obstétrica, o enfermeiro frente as violências obstétricas, assistência de Enfermagem frente as violências obstétricas.

Como critério de inclusão utilizaram artigos na língua portuguesa ou inglesa que se relacionasse com o objetivo da pesquisa, com publicações entre os anos de 2010 a 2019. Como critérios de exclusão artigos publicados nas demais línguas estrangeiras e que fugisse do tema proposto.

De acordo com Bardin⁸ análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Bardin⁹ indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pesquisa foi baseado na resolução 466\12, onde tem a função de implementar normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas argumentativas envolvendo seres humanos, zelando assim pelos preceitos éticos e autenticidades das informações.

RESULTADOS

Ao analisarmos as bases de dados a partir da combinação dos descritores já citados, foram avaliados 17 artigos, aos quais foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão, resultando em 08 artigos, que foram categorizados e comparados com a literatura disponível sobre o tema.

Dos 08 artigos selecionados, cinco são pesquisas qualitativas, três do tipo exploratória e duas descritivas, dois são relatos de experiência, e um é ensaio clínico, cinco são de revisão bibliográfica do tipo qualitativa.

DISCUSSÃO

No intuito de facilitar o entendimento e tornar mais claro os resultados e a discussão dos mesmos, foram elencadas três categorias, a saber: O processo parturitivo e o papel da enfermagem; Condutas adotadas pelo enfermeiro (a) diante dos impactos psicossociais da violência obstétrica; e O papel do profissional enfermeiro (a) frente as práticas de violência obstétrica.

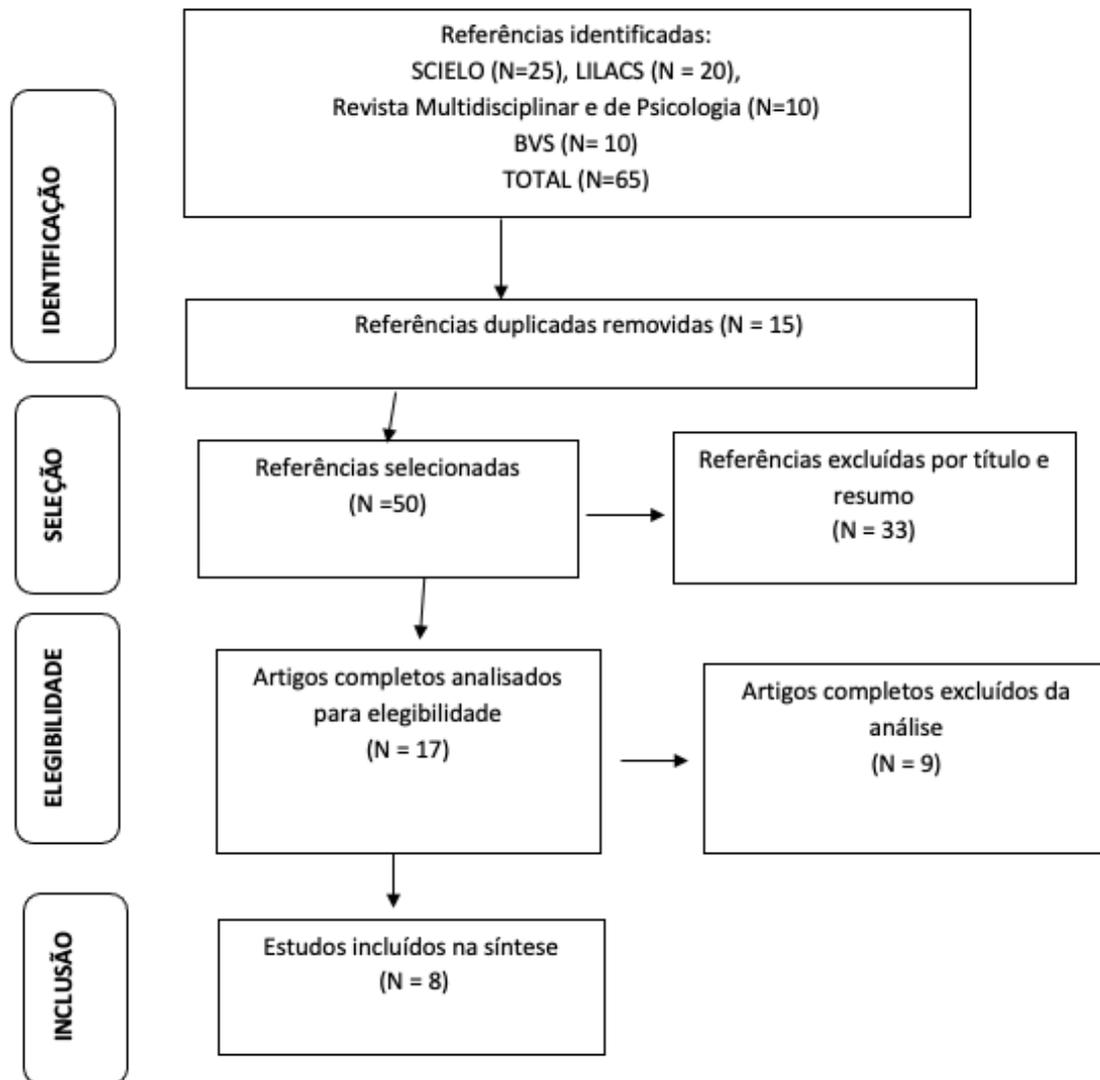
O PROCESSO PARTURITIVO E O PAPEL DA ENFERMAGEM

O nascimento no ambiente hospitalar se caracteriza pela adoção de várias tecnologias e procedimentos com o objetivo de torná-lo mais seguro para a mulher e seu bebê³. Dessa forma, as parturientes necessitam passar por alguns profissionais dentro do âmbito hospitalar, para assim obter a assistência necessária.

O parto pode ser visto, para as mulheres, como um momento de angústia, pois muitas vezes, ao entrar na instituição de saúde passam a não ter controle da situação tornando o momento imprevisível e fora do seu contexto familiar⁹.

Para algumas enfermeiras, a adoção de determinadas conduta no momento do parto é justificada pelo não reconhecimento das mesmas como uma violência praticada contra a parturiente¹⁰.

Figura 1 - Fluxograma de seleção dos artigos para a revisão Bibliográfica, segundo o modelo da Cochrane Collaboration.



Quadro 1: Artigos selecionados para análise do estudo.

AUTOR /ANO/ REVISTA	TITULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	RESULTADOS
CARDOSO, et al, 2017 Revista de Enfermagem UFPE Online	Violência obstétrica institucional no parto: percepção dos profissionais de saúde	Avaliar os saberes e práticas sobre violência obstétrica na percepção dos profissionais da saúde.	Estudo qualitativa	Apenas 40% dos profissionais da saúde já tiveram ou ainda têm contato com tema violência obstétrica e apenas 15% relataram ter cometido o ato da violência obstétrica, demonstrando que o tema violência obstétrica ainda é desconhecido pelos profissionais da saúde.
SILVA, et al, 2015. Revista Rede De Cuidados Em Saúde.	Violência obstétrica: perspectiva da enfermagem	Descrever a violência obstétrica e discutir o uso de ferramentas que possibilitem a melhoria da assistência por parte dos profissionais de saúde à parturiente.	Pesquisa qualitativa	O suporte profissional no trabalho de parto e parto é um cuidado desenvolvido principalmente pela equipe de enfermagem e que proporciona bem estar para as parturientes, contribuindo para a humanização da assistência. Analisamos que o tema precisa ser abordado cada vez mais para termos uma mudança de paradigma, todavia, percebemos que este processo pode ser lento e gradual, porém, é totalmente necessário.
BARBOSA, et al, 2018 ENFERMAGEM BRASIL	(Des) Conhecimento sobre a Prática da Violência Obstétrica	Conhecer a percepção dos profissionais de saúde sobre violência obstétrica.	Pesquisa qualitativa	É evidente que a violência obstétrica é um termo ainda pouco conhecido entre os profissionais de saúde, no entanto muitos entrevistados puderam perceber durante sua jornada de trabalho maus tratos contra a parturiente. Diante disto é preciso divulgar a temática violência obstétrica entre profissionais de saúde, realizando educação continuada dentro dos serviços de saúde, além de incorporar na legislação brasileira as medidas cabíveis para tais atos.

<p>SILVA et al, 2018</p> <p>REVISTA MULTIDISCIPLINAR E DE PSICOLOGIA</p>	<p>O protagonismo do enfermeiro na política nacional de humanização do parto e do nascimento e com vistas a erradicação de abusos e violência obstétrica.</p>	<p>Analisar na literatura, as ações de Assistência e Promoção à Saúde da Mulher praticada pela enfermagem, com ênfase na fase reprodutiva, nos períodos do pré-natal, do parto e do puerpério, e considerando-se a vivência de abuso e violência obstétrica.</p>	<p>Revisão integrativa da literatura</p>	<p>A vulnerabilidade biopsicossocial das mulheres é potencializada principalmente nas fases do pré-natal e do parto, maximizando os déficits de ações em saúde, principalmente no tocante à humanização, destacando a atuação do enfermeiro para a garantia dos direitos dessa população específica.</p>
<p>SILVA, 2019.</p> <p>REPINS FAEMA- Repositório Institucional</p>	<p>A enfermagem no enfrentamento da violência obstétrica</p>	<p>Descrever sobre a atuação do enfermeiro na promoção de estratégias para romper com a violência obstétrica.</p>	<p>Revisão de literatura de caráter descritivo e exploratório</p>	<p>O enfrentamento da violência obstétrica deve ser prioritário no setor de saúde, pois ela representa a desumanização do método de cuidar e o prolongamento do ciclo de abusos em que sujeitam as mulheres pelo próprio sistema.</p>

<p>SANTOS et al, 2017.</p> <p>Disciplinarum Scientia</p>	<p>Violência Obstétrica: Percepção Dos Profissionais De Enfermagem Acerca Do Cuidado</p>	<p>Investigar o conhecimento dos profissionais de enfermagem acerca da violência obstétrica.</p>	<p>Pesquisa qualitativa</p>	<p>Violência Obstétrica tem um conceito amplo e está relacionada à cultura de invasão do corpo da mulher com atendimento desrespeitoso e intervenções desnecessárias na gestação, trabalho de parto, parto, pós-parto e abortamento, sem informá-la e/ou sem o seu consentimento.</p>
<p>GUEDES, 2017</p> <p>RI- FAMAM</p> <p>Repositório Institucional Faculdade Milza</p> <p>Maria</p>	<p>A Assistência Da(O) Enfermeira(O) À Parturiente No Contexto Hospitalar: Um Olhar Sobre A Violência Obstétrica.</p>	<p>Conhecer, através da literatura, como o enfermeiro obstétrico pode contribuir para a minimização da violência obstétrica no acolhimento às parturientes.</p>	<p>Pesquisa qualitativa</p>	<p>Um atendimento efetuado com descaso, com desdém, que despreza a sintomatologia apresentada pela parturiente, como se a dor, o sofrimento e a ansiedade que ela traz não fosse motivo de preocupação, classifica não só violência, mas também negligencia os princípios de atenção à saúde, firmados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.</p>

<p>ALVES, PEREIRA, RODRIGUES, 2019.</p> <p>Revista JRG de Estudos Acadêmicos.</p>	<p>VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA</p>	<p>Descrever meios de prevenção do ato de violência obstétrica, conhecendo o histórico da violência obstétrica no Brasil</p>	<p>Revisão integrativa de literatura.</p>	<p>É imprescindível que haja um trabalho em equipe dos gestores e profissionais de saúde para ofertar uma assistência digna as gestantes, e possibilitar conhecimentos sobre o referido tema para que as mesmas possam diferenciar o que é um procedimento necessário de um ato de violência obstétrica, tendo possibilidade de intervir.</p>
---	-----------------------------	--	---	---

Diante disso a Organização Mundial de Saúde ressalta que a enfermagem obstétrica é a categoria profissional mais preparada para a mudança das práticas de violência e consolidação de uma assistência segura ao processo de parto e nascimento⁹. A enfermagem tem um papel fundamental de tentar amenizar as práticas de violências obstétricas, de forma que através desses profissionais, na maioria das vezes, são os que as mulheres podem se tranquilizar, de forma que eles acompanham e passa uma boa parte do tempo dando assistência a parturiente durante sua permanência no ambiente hospitalar.

De acordo com Silva et al.¹¹, a violência obstétrica (VO) é sucedido pelos profissionais de saúde, evidenciado por um conjunto de ações que infringem os direitos da mulher e de seu bebe, ocorrendo desde o pré-natal, parto e pós-parto (PPP). No que tange as ações exercidas ou não pelos profissionais para com a mulher, em qualquer instituição, seja ela pública ou privada¹².

O papel da enfermagem ganha destaque em todos os momentos, vistos que estes estão presentes em todos os processos da gestação e puerpério, sendo o maior provedor de cuidado e também de violência obstétrica entra e extra hospitalar, levando a mulher a temer um ato natural, tornando-o esse momento constrangedor, traumático, e doloroso, acarretando sofrimentos para toda a sua vida social e sexual.

Em consequência a esta realidade, as mulheres sentem-se incapazes, impotentes e reduzidas a objetos, no contexto em que deveriam se tornar personagem principal. Os efeitos nocivos que podem ser acarretados com um atendimento inadequado são vários e podem gerar danos a curto prazo como: insatisfações com o serviço, intercorrências puerperais, traumas psicológicos graves ou até mesmo óbito materno e/ou neonatal; e a longo prazo, como: o impacto negativo na qualidade de vida das mulheres, problemas conjugais e na sexualidade da mulher¹³.

CONDUTAS ADOTADAS PELO ENFERMEIRO (A) DIANTE DOS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

O enfermeiro obstetra é amparado pela Portaria do Ministério da Saúde nº 2815/98, de 29 de maio de 1998 para atuar na assistência ao parto normal de baixo risco ou risco habitual¹⁴.

A Enfermagem compreende a arte do cuidar e este, por sua vez, a arte da ciência. De acordo com programa de humanização da Rede Cegonha de 2011, representa a categoria profissional mais preparada para a mudança do histórico de violência obstétrica¹⁵.

O papel do enfermeiro obstetra reflete em um grande benefício para a assistência obstétrica. A visão desse profissional é diferente dos demais, pois esses reconhecem e confirmam a violência

obstétrica e o atual modelo de assistência como pobre em benefícios. Eles afirmam que cada mulher dever ter um tratamento único e individualizado no momento de dar à luz¹⁴.

O enfermeiro (a) é o profissional que deve se atentar para uma assistência humanizada, onde a parturiente consiga se sentir segura em um momento que, muitas relatam que é único na vida. A contribuição humanizada dos profissionais de saúde antes, durante e no pós-parto, permite o acesso à informação, possibilitando as mulheres de exercerem sua cidadania e a redução de riscos desnecessários a ela e ao bebê¹⁵.

Durante o trabalho de parto, o enfermeiro e sua equipe devem valorizar a mulher, ajudando-a no processo de parir, respeitando seu tempo, utilizando técnicas que visam o relaxamento e o alívio da dor como massagens, banhos, estímulo à deambulação ativa, exercícios respiratórios, mudança de posição, dentre outros. Esses métodos terapêuticos que são chamados de não convencionais, são modelos de assistência humanizada para que haja um melhor alívio da dor durante o trabalho de parto e o parto¹⁶.

A enfermagem obstétrica é uma profissão regulamentada por lei, com pleno amparo legal, que permite ao enfermeiro atuar como profissional educador capaz de promover ações de enfrentamento e prevenção de agravos. Durante toda a gestação e principalmente no momento de trabalho de parto, o enfermeiro e sua equipe devem valorizar e ajudar a mulher em todo seu processo de parir, respeitando seu tempo, fazendo uso de técnicas que tenham como propósito o relaxamento e o alívio da dor. Tudo isso vai ajudar para diminuição de agravos e possíveis atos que sejam considerados violência obstétrica e com isso acarrete algum dano à mulher^{17,18}.

Os profissionais possuem a percepção de que os colegas de trabalho cometem violência obstétrica; para aqueles o outro é quem realiza o ato de violência e definem tal ato como algo desumano, acham errado o que o outro faz, mas não interferem na conduta. Portanto, pode-se afirmar que a violência obstétrica está presente no cotidiano desses profissionais, contudo estes não possuem a percepção que eles mesmos cometem a violência com as parturientes, mas, sim, que esta é uma prática corriqueira de outro profissional¹⁹. Tais percepções nos mostram o quanto o profissional está habituado a banalizar o

parto, e suas práticas violentas já não os incomodam a ponto de serem colocadas como agressão a mulher, e sim como algo normal do processo de parir.

O PAPEL DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO (A) FRENTE AS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Durante toda a gestação e o trabalho de parto as mulheres possuem direitos que devem ser respeitados pelos profissionais da saúde para que se tenha um atendimento integral e de qualidade²⁰.

É imprescindível que aconteçam mudanças no processo de formação dos profissionais de saúde, bem como na sociedade em geral, desfazendo a imagem da mulher submissa às intervenções e saberes impostos por estes profissionais. É necessário que a mulher conheça seus direitos para com isso possa lutar por seus direitos minimizando assim possíveis casos de violências obstétricas²¹.

Andrade e Aggio²² relatam que é necessário que a mulher tenha um maior esclarecimento sobre os seus direitos, orientando-a nas consultas de pré-natal durante toda a gestação, para que a mesma esteja segura das decisões a serem tomadas no que se refere ao seu próprio corpo, com isso podendo até ser diminuído os casos de violência obstétrica.

A fim de evitar uma maior incidência da Violência Obstétrica, o Ministério da Saúde criou políticas que visam garantir os direitos das gestantes e fazer com que o parto seja humanizado e respeite a cidadania²⁰.

Os profissionais devem readquirir o reconhecimento de que o parto é um marco relevante na vida de cada mulher, portanto é um dos tópicos ponderosos a serem revistos. Dessa forma é necessário que os enfermeiros cada vez mais se atualizem e, se necessário, criem manejos para que as parturientes se sintam confortáveis e que o processo fisiológico do parto não acarretem traumas futuros na vida dessa mulher²³.

Um atendimento efetuado com descaso, com desdém, que despreza a sintomatologia apresentada pela parturiente, como se a dor, o sofrimento e a ansiedade que ela traz não fosse motivo de preocupação, classifica não só violência, mas também negligencia os princípios de atenção à saúde, firmados na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Com isso é imprescindível que o profissional enfermeiro (a) esteja junto a paciente

fazendo uma assistência cautelosa, onde seja necessário que evite situações que gere algum dano psicológico durante o processo fisiológico do parto, deixando a calma e explicando como ocorre todo o procedimento para que seja de maneira mais natural possível²⁴.

CONCLUSÃO

Em virtude de tudo que foi mencionado, conclui-se que o parto e todo o seu curso ainda é visto por muitos profissionais como um processo mecânico e não natural da mulher, atitudes e comportamentos tomados pelo mesmo em um momento de renascimento da gestante, o torna traumático e devastador, transformando o parto e puerpério em um evento hospitalar, onde o protagonismo da mulher é apagado a tornando-a coadjuvante de sua história sem direito a escrever seu próprio roteiro, perdendo o direito de dona do seu corpo, fragilizando sua autonomia, seu físico e principalmente seu psicológico, pondo em risco um acontecimento divino e inviolável.

A falta de reconhecimento por parte dos profissionais de enfermagem do que é violência obstétrica e de quais praticas resultam no acometimento delas, nos mostram o quando é realizada uma escuta inicial com qualidade faz a diferença desde o início da gestação ate o seu ápice que e é o parto e o puerpério, fortalecendo o vínculo dos profissionais com suas clientes, passando a segurança é a estabilidade que essas parturientes vão precisar, explicando seu direito de ter um parto do jeito que ela preferir e for viável a sua condição com respeito, humanizado, tranquilo e feliz, que é imprescindível nesse momento da mulher.

REFERÊNCIAS

1. TESSER, et al. Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. **Rev Bras Med Fam Comunidade**. 2015;10(35):1-12
2. ZANARDO et al,. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Rev. Psicologia & Sociedade**, 29: e155043. Porto Alegre/RS, 2017
3. BRASIL, Ministério da Saúde. **PORTARIA Nº 353, DE 14 DE FEVEREIRO DE 2017**. Aprova as Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto Normal. Brasília\DF, 2017
4. REZENDE, C. N. D. V. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA OFENSA A DIREITOS HUMANOS AINDA NÃO RECONHECIDA LEGALMENTE NO BRASIL**. Brasília\DF, 2014.
5. DINIZ, D.; CARINO, G. **Violência obstétrica, uma forma de desumanização das mulheres**. [S. l.], 20 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/21/opinion/1553125734_101001.html?fbclid=IwAR1dlfC3RKRSM_BBbhXOTJmSgauCq3zoK31oeWlyCINjEa6Vez8zL1jwhOU. Acesso em: 1 setembro 2019.
6. GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
7. MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
8. BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
9. MOURA, R.C.M. et al. **CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA**. Revista Enfermagem em foco. Rio Grande do Norte. 2018
10. LEAL, S. Y. P. et al. **PERCEPÇÃO DE ENFERMEIRAS OBSTÉTRICAS ACERCA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA**. Salvador\Bahia. 2017.
11. SILVA, F.L; SOUZA, A.L.S; SALGUEIRO, C.D.B.L; BARBOSA, L.S; LOBATO, L; PEREIRA, J.S. O protagonismo do enfermeiro na política nacional de humanização do parto e do nascimento e com vistas a erradicação de abuso e violência obstétrica. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. [V. 12, n. 41 \(2018\)](#).
12. GACETA OFICIAL DE LA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA. Nº40.551, Año CXLII – Mês II, Nº40.551, 28 de novembro de 2014. Caracas.

13. BARBOSA, et al. (Des) conhecimento sobre a prática da violência obstétrica. **Enfermagem Brasil**. v. 17, n. 4 (2018).
14. BRANDT, G.P., et al. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A VERDADEIRA DOR DO PARTO**.RGS.2018;19(1):19-37.
15. MAIA, J.S. et al. **A Mulher Diante Da Violência Obstétrica: Consequências Psicossociais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 11, Vol. 07, pp. 54-68 Novembro de 2018. ISSN:2448-0959
16. SILVA, A.A; PEREIRA, B.B.; PEREIRA, J.S.C; AZEVEDO, M.B; DIAS, R.L; GOMES, S.K.C. Violência obstétrica: perspectiva da enfermagem. **Revista Rede de cuidados em saúde**. 2015
17. SANTOS, A.L.M; BACKES, M. T. S; SMEHA, L.N; FREITAS, H.M.B; SOUZA, M.H.T. Violência obstétrica: percepção dos profissionais de enfermagem acerca do cuidado. **Disciplinarum Scientia**. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Materno Infantil) - Centro Universitário Franciscano, Santa Maria - RS.
18. SILVA, B.D. M. B. **A enfermagem no enfrentamento da violência obstétrica**. Ariquemes RO, 2019.
19. CARDOSO, et al. Violência obstétrica institucional no parto: percepção de profissionais da saúde. [Rev. enferm. UFPE on line. Recife- PE, 2017.](#)
20. PEREIRA, et al. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: OFENSA À DIGNIDADE HUMANA**. Minas Gerais, 2016
21. ROCHA, M.J, Grisi, E. P. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E SUAS INFLUÊNCIAS NA VIDA DE MULHERES QUE VIVENCIARAM ESSA REALIDADE. **Rev. Multidisciplinar e de Psicologia**. V.11, N. 38. 2017. Vitoria da Conquista\Bahia. 2017
22. ANDRADE, B.P.; AGGIO, C.M. Violência obstétrica: A dor que cala. In: **SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3, 2014. Anais...** Universidade Estadual de Londrina, 2014 p.27-29
23. ALVES, D. C. B.; PEREIRA, M. C.; RODRIGUES, J L. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 2, n. 5, p. 360-376, 6 dez. 2019.
24. GUEDES, L. L. B. **A assistência da(o) enfermeiro(a) à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica**. Governador Mangabeira – Ba, 2017.